



HAL
open science

As sementes entre a crítica e a experiência: a vitalidade prática de uma contestação camponesa

Elise Demeulenaere

► **To cite this version:**

Elise Demeulenaere. As sementes entre a crítica e a experiência: a vitalidade prática de uma contestação camponesa. Ciências em Debate, 2020. hal-03181792

HAL Id: hal-03181792

<https://hal.science/hal-03181792>

Submitted on 29 Mar 2021

HAL is a multi-disciplinary open access archive for the deposit and dissemination of scientific research documents, whether they are published or not. The documents may come from teaching and research institutions in France or abroad, or from public or private research centers.

L'archive ouverte pluridisciplinaire **HAL**, est destinée au dépôt et à la diffusion de documents scientifiques de niveau recherche, publiés ou non, émanant des établissements d'enseignement et de recherche français ou étrangers, des laboratoires publics ou privés.

As sementes entre a crítica e a experiência: a vitalidade prática de uma contestação camponesa*

Seeds between contestation and experience: the practical drivers of a farmers' movement

Élise Demeulenaere**

Resumo

Este artigo analisa a vitalidade e as inflexões da reapropriação camponesa do movimento das sementes que emergiu nos últimos anos na França. O movimento é decorrente, em parte, da contestação dos OGM e é enraizado em um discurso crítico da modernidade agrícola que se desdobra em três pontos: a rejeição de técnicas modernas de inovação varietal, a recusa dos agricultores à relegação a posição subalterna, e a denúncia da relação instrumental da agricultura industrial vis-à-vis à natureza. No entanto, o projeto coletivo também foi enriquecido e delineado pelo confronto com a prática, no corpo-a-corpo com as plantas. Este estudo contribui para a compreensão das dinâmicas atuais da “ecologização” da agricultura. Ele também oferece uma ilustração de uma mobilização que é transformada por seu objeto (as sementes camponesas), ao mesmo tempo em que ela o constrói; apenas uma perspectiva nas ciências sociais que leva a sério os objetos pode dar conta desses fenômenos.

Palavras-chave: Movimento camponês; Seleção varietal; Sementes; Natureza; Biodiversidade.

Abstract

In the wake of the anti-GMO struggles of the nineties and the toughening of seed laws, the 2000s saw the emergence of a farmers' movement dedicated to the reappropriation of seeds. Spanning in the last years, the paper looks at the movement's drivers and its transformations. The reappropriation by a group of farmers of seeds takes root in a critical discourse towards agricultural modernity, which translates into 3 dimensions: the rejection of modern plant breeding techniques, opposition to the subaltern position of farmers, denunciation of the instrumental relationship between industrial farming and nature. Yet the movement has also enriched itself and been fashioned by a direct engagement with plants. This case study contributes to a better understanding of the ongoing ecologisation of agriculture. Moreover it provides a comprehensive illustration of a protest movement that is altered by the very object that it contributes to shape.

Keywords: Farmers' movement; Plant breeding; Seeds; Nature; Biodiversity.

*Publicado anteriormente como: DEMEULENAERE, E. Les semences entre critique et expérience : les ressorts pratiques d'une contestation paysanne. Revue d'Études en Agriculture et Environnement, INRA Éditions, v. 94, n. 4, p. 421-441, 2013. Agradecemos à Revue d'Études en Agriculture et Environnement e ao seu editor Ronan Le Velly pela cessão deste artigo. Tradução do texto para Ciências em Debate: Maurício Serva.

**Doutora em etnobiologia e antropologia ambiental no Muséum National d'Histoire Naturelle (Paris). Pesquisadora do Centre National de la Recherche Scientifique (CNRS), lotada no Centre Alexandre-Koyré.

Agradeço aos meus companheiros de trabalho nesta pesquisa: as muitas pessoas (animadores e agricultores) que apoiam a Rede de Sementes Camponesas, bem como os meus colegas Isabelle Goldringer e Christophe Bonneuil, com quem as trocas foram intensas e frutíferas. Versões anteriores deste texto foram objeto de comentários e críticas de Vanessa Manceron, Nicolas Césard, Francis Chateauraynaud, Edouard Morena e um anônimo leitor-árbitro.

1. Introdução

“Antes, eu tinha reduzido o meu trabalho para um mínimo, apenas trigo (apenas uma variedade ou quase) e um pouco de ervilhas ou milho, para uma boa medida. O suficiente para ganhar a minha vida, fazendo o mínimo possível, sem amor pelo meu trabalho. O tédio me envolvia. Ver e ouvir Jean-François tocar, acariciar seu trigo e falar sobre isso com suas palavras tão apaixonadas me tocou profundamente. De repente, eu percebi minha enorme ignorância: eu vivo e trabalho com a terra, com plantas que podem ser lindas, saudáveis, contanto que eu abra meus olhos, deixe meu coração aberto para a beleza do que me rodeava tão de perto. Então eu descobri um interesse por esses velhos trigos, sem destino fixado, deixando uma parte ao acaso”.

(VC, agricultor da região de Vendée)

Na década de 1990, as orientações da seleção moderna e as mudanças na regulação das sementes levaram à emergência no mundo agrícola de várias contestações sobre a recusa de variedades geneticamente modificadas, ou sobre o direito dos agricultores a ressemeiar as suas colheitas. Em 2003, uma nova etapa foi alcançada com a criação do Réseau Semences Paysannes (RSP)¹. Do ponto de partida como crítica radical, os iniciadores desse movimento deram uma guinada para a construção de um espaço de experimentação de uma alternativa de produção “camponesa” de sementes. Esse movimento já não se contenta mais em ser um espaço para a produção e enunciação do discurso crítico para a profissão, mas assume a forma de um laboratório de novas práticas destinadas a desenvolver um sistema de sementes em consonância com as necessidades e os valores da agricultura camponesa.

Do que essa alternativa se alimenta? A seleção moderna de sementes — em particular suas técnicas, sua organização profissional, sua relação instrumental com as plantas — serve como um contraponto. Mas, em profundidade, esse modelo é suficiente o suficiente para definir seus contornos? A citação em destaque no preâmbulo deste artigo, que testemunha o caráter sensível do encontro com plantas não padronizadas pela melhoria vegetal moderna, adverte sobre os efeitos do movimento, incluindo também dimensões não declaradas, nem mesmo aquelas previstas no projeto inicial da RSP. A proximidade com as plantas na prática reinventada da seleção de variedades “camponesas” tem implicações que também contribuem — pelo menos, esta é a hipótese central deste artigo — para dar forma ao movimento camponês.

¹ Rede de Sementes Camponesas.

Este artigo explora o papel das plantas e da prática na construção desta alternativa de semente camponesa. Minha intenção se inscreve na constatação atualmente compartilhada por diversas correntes de pesquisa nas ciências sociais dos limites em explicar o social apenas pelo social, seguindo o paradigma de durkheimiano que os “fatos sociais” têm sua origem nos fatos sociais precedentes (GUILLE-ESCURET, 1989, p. 62). Nas últimas décadas, esse diagnóstico se traduz pela reabilitação de abordagens como a tecnologia cultural e a antropologia das técnicas, de modo convergente com o desenvolvimento de sociologias que dão atenção renovada aos objetos (BARBIER; TREPOS, 2007), ou ainda de correntes da antropologia interessadas nas relações dialéticas das sociedades com a natureza, nas quais trata-se de demonstrar que a natureza pode ser percebida e vivida localmente como ativa, até mesmo intencional².

Outras questões serão abordadas de forma transversal. Quais representações de plantas e do homem na natureza essas práticas emergentes nos permitem perceber? Como a reapropriação camponesa de sementes recompõe a relação dos agricultores mais fortemente engajados no movimento vis-à-vis ao seu *métier*?

Depois de definir o contexto sociopolítico da criação do movimento, apresentarei os efeitos da reapropriação camponesa de sementes em três áreas — a relação com a técnica, a relação com os recursos de consultoria e de inovação agrícola, e, por fim, a relação com as plantas —, me concentrando em demonstrar como a crítica evoluiu no contato com a redescoberta das sementes camponesas³.

2. Da crítica radical aos OGM ao projeto de uma reapropriação camponesa de sementes

A criação da RSP no início dos anos 2000 se inscreve em um contexto de forte tensão em torno de sementes. A expressão mais midiática dessa tensão é a resistência aos organismos geneticamente modificados (OGM), que então se radicaliza, mobiliza de forma marcante os atores do mundo agrícola (com várias figuras midiáticas da Confederação dos Agricultores), e redireciona a luta contra os OGM em torno de novos temas, tais como a possibilidade de coexistência de vários modelos agrícolas ou a manipulação de seres vivos (BERNARD de RAYMOND, 2010; CHATEAURAYNAUD, 2010). À sombra da controvérsia sobre os OGM, os regulamentos sobre as sementes convencionais também são fortemente contestados. Este aspecto da luta de sementes é muito menos conhecido.

² A convergência de todas essas correntes nas ciências sociais é bem ilustrada na antologia de artigos *Techniques & Culture*, editada por Bartholeyns et al. (2010).

³ Este artigo é baseado em uma pesquisa de campo iniciada em 2005, que combina entrevistas individuais com agricultores, na maioria das vezes realizada na fazenda, análise de documentos produzidos pela RSP, e participação em assembleias gerais e outras reuniões técnicas. Essa entrada me permitiu ter um acompanhamento regular dos debates internos dentro dos coletivos dos agricultores (principalmente os produtores de trigo) e as orientações que a RSP adotou ao longo do tempo.

Na França, as variedades vegetais foram desde 1961 (data de criação da *Union pour la Protection des Obtentions Végétales* - UPOV) protegidas por um sistema de certificação da criação vegetal. Na versão de 1961, o texto prevê o pagamento de *royalties* para criadores de variedades, acrescido de duas disposições: o “privilégio do pesquisador” (a possibilidade dos selecionadores de usar uma variedade protegida como suporte para a obtenção de novas variedades), e o “privilégio do agricultor” (a possibilidade para o agricultor que cultiva uma variedade protegida de ressemeiar seu campo com o produto de sua colheita). A lei francesa de 11 de junho de 1970 que anulou o privilégio do agricultor, conferindo aos titulares de criações vegetais o “direito exclusivo de produzir” sementes, permaneceu sem efeito por mais de dez anos.

As coisas mudaram nos anos 1980: a queda dos preços dos grãos fez a autoprodução de sementes mais atraentes para os agricultores; a taxa de uso de sementes certificadas, passou de 10% para mais de 50% em 40 anos, e começa a estagnar (BONNEUIL; THOMAS, 2009, p. 491)⁴. A concorrência de sementes de fazenda é exacerbada pela intervenção da “triagem à contrato”, essas pequenas empresas agrícolas especialmente equipadas para triar e limpar os grãos colhidos, e que vendem esse serviço a outros agricultores. No final da década de 1980, os criadores e produtores de sementes multiplicaram suas ações jurídicas contra a proliferação de sementes na fazenda e a prática da triagem à contrato. Obtiveram uma primeira condenação pela contrafação em 1988 (ANVAR, 2008), e negociaram um acordo com os representantes da *Fédération Nationale des Syndicats d'Exploitants Agricoles* (FNSE)⁵, o sindicato agrícola majoritário. O acordo de 4 de julho de 1989, celebrado entre as duas partes sob a égide do Ministério da Agricultura, proíbe a triagem à contrato e reserva a produção de sementes de fazenda aos agricultores equipados individualmente. A colheita de 1989 foi marcada pela proliferação de processos contra os milhares de agricultores e profissionais de triagem que decidiram ignorar o acordo, e pela acusação e investigação de dirigentes sindicais. Essa situação de conflito catalisa a criação da *Coordination Nationale pour la Défense des Semences Fermières* (CNDSF)⁶, que reúne as uniões agrícolas minoritárias advindas de todos os espectros políticos, da Confederação Camponesa à Coordenação Rural (BONNEUIL; THOMAS, 2009).

Essa batalha opondo a proteção dos criadores e a liberdade dos agricultores de ressemeiar suas colheitas encontra outro espaço de desdobramento em nível internacional, em torno da revisão da Convenção UPOV. O estado da relação de forças resulta na versão de 1991 do texto, transformando o “privilégio” dos agricultores em

⁴ Atualmente, cerca de 50% das sementes plantadas na França são produzidas na fazenda, conforme o barômetro para medir a evolução na utilização de sementes certificadas, publicado pelo Grupo Nacional de Interprofissionais de Sementes (GNIS) desde 2009. De acordo com a pesquisa, os agricultores buscam limitar a quota de sementes certificadas, com a prioridade para as sementes de fazenda para reduzir seus custos. Esta taxa é diretamente estimulada pelo preço descendente das matérias-primas agrícolas. Disponível em: <<http://www.gnis.fr/index/action/page/id/616/title/Enquetes-et-etudes#top>> Acesso em: 26/07/2012.

⁵ Federação Nacional de Sindicatos de Agricultores.

⁶ Coordenação Nacional para a Defesa das Sementes de Fazenda.

“exceção” deixada à discricção dos estados. A transcrição de 1994 desta convenção no regulamento europeu CE 2100/1994 prevê enquadrar a produção de sementes de fazenda em 21 espécies, condicionando ao pagamento pelo agricultor de uma “remuneração justa” (ANVAR, 2008). Após várias tentativas fracassadas (ANVAR, 2008), este regulamento foi transposto para o direito francês em dezembro de 2011, e resultou na instauração de um imposto cobrado aos usuários de sementes não certificadas para estas 21 espécies, sob o modelo da “contribuição voluntária obrigatória” estabelecida em França em 2001 para o trigo tenro.

Essas reviravoltas regulatórias, em que se superpõem vários níveis de direito (francês, comunitário, internacional) e aplicações mais ou menos rigorosas, alimentam a queda de braço entre o grupo interprofissional de sementes e os sindicatos agrícolas não majoritários. Ele torna público um conflito de legitimidade entre defender os interesses dos criadores que defendem um ganho pelo seu trabalho de inovação genética, e a liberdade fundamental dos agricultores para perpetuar a prática milenar de ressemeadura (HERMITTE, 1999).

No final de 2002, essa espécie de torno regulamentar se aperta ainda mais, especificamente no tocante aos agricultores orgânicos, com a elaboração de um regulamento europeu (EC 1452/2003) que forçaria os “orgânicos” a justificar que as sementes que são eles utilizam são produzidas sob certas condições biológicas. Se o texto reflete uma lógica de coerência no setor, a sua aplicação rigorosa (ainda temperada no presente por inúmeras revogações parciais) tem o efeito de limitar a gama de opções de sementes certificadas como orgânicas vendidas no comércio, reduzindo a diversidade varietal utilizada. Na verdade, apenas as sementes de variedades listadas no “Catálogo Oficial de Criações Vegetais” são autorizadas para comercialização; ora, a diversidade inscrita neste catálogo é apenas um reflexo incompleto daquilo que efetivamente circula no seio das redes informais de agricultores ou de jardineiros.

É neste contexto que os funcionários sindicais da CNDSF e da Confederação Camponesa impulsionam a criação da Rede de Sementes Camponesas (RSP). Esta associação, enquadrada na Lei 1901⁷, recebe o apoio de outras associações, tais como a *Croqueurs de Carottes*, a *Fruits Oubliés*, a *Plante Compagne*, a *Jardins de Cocagne*, as quais defendem a biodiversidade, como também de entidades de defesa da agricultura orgânica (FNAB, *Nature et Progrès*) e de produtores artesanais de sementes (*Biau'Germe*, *Germinance*).

Indo além da denúncia contra os OGM e da defesa de sementes de fazenda, a Rede contesta mais geralmente o caráter redutor e cada vez mais restritivo dos regulamentos sobre sementes e sua aplicação. Para tanto, os líderes da Rede se engajam na construção de uma relação de força e de legitimidade para influenciar sua evolução,

⁷ Lei do direito francês que regulamenta as associações sem fins lucrativos, promulgada em 01 de julho de 1901.

atuando tanto na busca do reconhecimento institucional da contribuição camponesa para a conservação da biodiversidade, como na denúncia das estratégias capitalistas da indústria de sementes⁸. Ao mesmo tempo, é também uma questão para a RSP desenvolver junto aos agricultores a capacidade de se libertar completamente da indústria de sementes, estabelecendo uma alternativa que passa pela recriação de culturas de variedades livres de direitos, e pela reaprendizagem de conhecimentos práticos relacionados com sementes.

Para dar conta da magnitude de sua tarefa, deve-se lembrar que naquele momento na França a conservação e a seleção na fazenda eram consideradas como sobreviventes em extinção. Isto é evidenciado pela Charte nationale pour la gestion des ressources génétiques (Carta Nacional para a Gestão dos Recursos Genéticos), assinada em 1998 sob os auspícios do Gabinete de Recursos Genéticos, na qual os redatores do texto estimavam que a conservação dos recursos genéticos na fazenda já não tinha um papel significativo⁹. Isso também é evidenciado pela opinião de Marie-Angèle Hermitte, uma analista de direito de recursos genéticos, que, quando questionada sobre o fortalecimento dos regulamentos de sementes, pleiteia “tomar consciência do fato de que os camponeses não são mais, coletivamente, os atores da seleção” (HERMITTE, 1999)¹⁰. Por conseguinte, a RSP atua precisamente para refutar este diagnóstico, e para pesar a favor dos agricultores que se tornaram criadores a relação que os opõem à indústria de sementes. O primeiro presidente da Rede declara então que: “é urgente tornar visível esta realidade majoritária que parece escapar ao legislador, certamente porque ela se desenvolve hoje totalmente fora do quadro regulamentar” (RÉSEAU SEMENCES PAYSANNES, 2003).

No campo, a estrutura formal da RSP se apoia nos agricultores que têm em comum a manutenção ou o desenvolvimento das práticas originais de sementes em comparação com aquelas promovidas pela modernização agrícola (através da compra anual de sementes certificadas). Quer sejam neorurais ou de origem agrícola, eles têm em comum ter propriedades pequenas, cultivadas com agricultura orgânica ou seguindo práticas semelhantes, com atividades diversificadas (multicultura, criação, processamento), favorecendo os circuitos curtos (vendas diretas na fazenda ou no

⁸ Representantes da RSP ganham assento no Comitê de Orientação Estratégica da Fundação para a Pesquisa em Biodiversidade (FRB); no Comitê Econômico, Ético e Social (CEES) do Conselho Superior de Biotecnologias (HCB).

⁹ “A conservação na fazenda suscita um grande interesse em nível internacional, mas o seu lugar efetivo na gestão dos recursos genéticos a longo prazo precisa ser esclarecido. Ela se baseia no princípio do uso pelo agricultor a cada ano de sementes de seus próprios campos ou de seus vizinhos. Embora isto permaneça verdadeiro para algumas espécies e em algumas regiões do mundo, desde muito tempo a evolução econômica na Europa levou a uma divisão do trabalho que tornou a produção de sementes uma atividade especializada. [...] **Nas condições da França, onde a organização do setor de sementes seguiu a evolução do mundo agrícola, a conservação na fazenda, definida em nível internacional, parece não ter mais um papel significativo**” (Charte nationale pour la gestion des ressources génétiques. Disponível em: <www.brg.prd.fr/brg/pdf/Charte.pdf, 42>. Grifo nosso).

¹⁰ Entrevistas posteriores de M.-A. Hermitte, publicadas sob título *O Direito ao Vivo*, sugerem que a leitura dessa jurista é influenciada pelos argumentos e representações dos criadores... Ver, por exemplo, p. 80-81, onde transparece a sua adesão a uma concepção de recursos genéticos como “fundo natural” a partir do qual os criadores trabalham: a contribuição de gerações de camponeses para a domesticação e, em seguida, para a seleção é tornada invisível por essa ontologia que naturaliza os recursos genéticos (HERMITTE, 2013).

mercado, ou comercialização em lojas de produtores ou redes de consumidores). Suas motivações são heterogêneas e diversas: combinam a paixão pela conservação de variedades regionais ou antigas, a construção de nichos de mercado valorizando as características de variedades locais ou antigas, a necessidade de encontrar variedades rústicas adaptadas a ambientes pedoclimáticos difíceis (montanha, clima mediterrânico), a experimentação em torno de práticas agrícolas limitando os insumos químicos, cuja lógica reconduz ao cultivo de variedades pré-industriais¹¹. Estes agricultores, anteriormente isolados, agora reúnem-se em sua maior parte pela primeira vez nas reuniões fundadoras da RSP (DEMEULENAERE; BONNEUIL, 2010). Este núcleo de cerca de 100 agricultores decidiu cooperar em grupos de trabalho composto de espécies: vegetais, frutas, milho e oleaginosas, trigo. Estabelecem como objetivos compartilhar as suas práticas, desenvolvê-las e divulgá-las aos novinhos, sem perder de vista a necessária articulação desse trabalho de campo com a construção de um significado comum coerente com o pleito do movimento.

Quais são os eixos em que a alternativa é estruturada? Os agricultores reunidos na RSP baseiam-se numa crítica à seleção moderna (partilhada no âmbito do movimento anti-OGM), que pode ser dividida em três pontos: crítica às técnicas modernas de inovação varietal, crítica da relegação dos agricultores a uma posição subordinada, crítica da relação instrumental da agricultura industrial à natureza. Mas estes pontos de contestação se enriquecem e se especificam na relação do coletivo com as plantas, e na redescoberta da prática de seleção na fazenda.

3. A seleção moderna em questão

Para os seus críticos, os OGM incarnam por excelência o ser "manipulado", no sentido do risco de perturbação dos equilíbrios complexos que não podem ser abrangidos pelo olhar redutor de algumas disciplinas científicas. As inquietações formuladas em torno da disseminação involuntária ou de explosão de alergias no meio ambiente exprimem indiretamente uma crítica da ambição demiúrgica do homem para transformar a natureza em seu próprio benefício, sem controle nem apreensão das consequências. Na RSP, uma crítica semelhante se concentra em outras biotecnologias menos politicamente constituídas, como a haplodiploidização¹², a mutagenese química, ou ainda a introdução da "esterilidade masculina citoplasmática" via fusão de protoplasmas na origem das variedades híbridas conhecidas como CMS (DONDEYNE, 2013) [...] A referência aos "OGM ocultos" para descrever as variedades derivadas dessas técnicas é uma boa indicação da tentativa de apoiar a crítica no precedente dos OGM.

A seleção mais convencional também é questionada, nos seus fundamentos e nos seus objetivos. Assim, o questionamento se estende ao triplo critério de "distinção,

¹¹ "Agricultura natural", inspirado em Masanubo Fukuoka, agricultura biológica, permacultura, biodinâmica...

¹² Produção *in vitro* de plantas haplóides seguida de duplicação induzida de seus cromossomos.

homogeneidade, estabilidade (DHS)” que se impôs com a profissionalização da cadeia produtora de sementes, ao qual as variedades devem agora atender para serem inscritas no catálogo oficial (BONNEUIL; THOMAS, 2009). Em uma agricultura baseada em padrões industriais, a homogeneidade genética e fenotípica das plantas que pertencem à mesma variedade tem como objetivo fixar o comportamento agrônomo no tempo e no espaço. Mas para os agricultores críticos da modernidade agrícola, esta concepção dos seres vivos é antinatureza. “É uma norma aberrante, este DHS. Eu descobri essa coisa, é estúpida, porque a planta não pode ser estável, ele sempre quer evoluir!”, exclama um agricultor da região do Marne. Em 2005, no boletim da RSP, o seu presidente concorda: “o ser vivo não é estável nem homogêneo. Ele tem a capacidade de se reproduzir, mas nunca ela é idêntica, a fim de evoluir. Assim, é urgente questionar a visão mecanicista e reducionista sobre os seres vivos, que nos impõe critérios (distinção, homogeneidade, estabilidade) estritamente contrários à realidade biológica de um ecossistema saudável, em equilíbrio, porque em perpétua evolução” (SUPIOT, 2005).

A seleção moderna também é criticada pelo caráter muito estreito e redutor dos critérios que ela estabelece — produtividade, valor tecnológico em ambientes padronizados [...] — que não correspondem às necessidades dos agricultores com um perfil atípico (como os agricultores em policultura-reprodução, ou “camponeses-padeiros”, os agricultores que processam do grão ao pão). Os produtores de trigo da RSP percebem a seleção moderna como a fonte de plantas desequilibradas e insalubres. Denunciam, por exemplo, a aparência concomitante, nas variedades selecionadas nos últimos 50 anos, de três caracteres percebidos como sintomas de desequilíbrio: a redução da altura das palhas, a compactação das palmas, e a diminuição da digestibilidade dos glutens, três compressões percebidas como um sistema (DEMEULENAERE; BONNEUIL, 2011).

De forma mais geral, a seleção moderna é vista como cúmplice da agricultura industrial desenvolvida à custa da saúde dos ecossistemas, agricultores e consumidores. A propagação de variedades melhoradas é posta em causa como o Cavalo de Tróia pelo qual a indústria agroalimentar introduziu profundas transformações nos sistemas agrícolas, como analisado por Henri Mendras (1992 [1967]), a partir da introdução de variedades híbridas de milho na região de Béarn. Diz-se ter contribuído para a adoção de sistemas técnicos que combinam variedades melhoradas, fertilizantes nitrogenados e produtos fitossanitários; uma mudança menos reversível do que as ditas variedades¹³ “de país”, sendo o know-how camponês sobre a reprodução dos seres vivos e as formas associadas de sociabilidade corroídos simultaneamente. Bernard Ronot, 75 anos, um agricultor aposentado e dotado de um grande carisma, é regularmente solicitado pela Rede para dar o relato subjetivo desta história. Ele relata como primeiramente se

¹³ Comparadas às variedades de linhagens puras, as variedades ditas “Híbridas F1” (estas advêm da primeira geração do cruzamento de duas linhagens puras) levaram a mudanças de práticas ainda mais radicais: o efeito da heterose na origem do seu alto rendimento desaparece na segunda geração, o que faz com que o uso da colheita para semear seja economicamente inviável.

entusiasmou com os rendimentos extraordinários das variedades melhoradas, antes de se dar conta que elas envolviam os agricultores em uma “engrenagem”, um “ciclo infernal de dependência da química agrícola” (RSP, 2008, p. 42). Seu testemunho ilustra fortemente o “determinismo tecnológico” que as sementes portam, nas palavras de Langdon Winner, que assim evoca a dimensão política dos objetos técnicos (WINNER, 1986). Na sua lógica, a rejeição da agricultura industrial exige o abandono das variedades melhoradas nas quais este modelo de agricultura é incorporado.

A alternativa camponesa foi, portanto, construída sobre o retorno do cultivo de variedades desenvolvidas antes da “seleção moderna”, de acordo com uma modernidade que os agricultores envolvidos iniciaram nos anos 1950. Além de serem livres de direitos, as variedades anteriores a esse período apresentam a qualidade de terem sido selecionadas em uma ampla gama de critérios, o que faz com que elas atendam aos mais diversos usos e ambientes agronômicos. Que elas tenham sido obtidas por “seleção de massa” (a prática milenar de camponeses, que consiste em escolher “na massa” da colheita as sementes consideradas como as mais belas) ou por “seleção genealógica” (o método desenvolvido pelos primeiros criadores profissionais, no momento da ascensão da genética mendeliana, que se baseia na purificação em várias gerações da linhagem julgada como a melhor), estas variedades permanecem mais geneticamente heterogêneas do que as variedades melhoradas¹⁴.

Quanto às técnicas de seleção, não se trata de rejeitar a técnica em geral (isso levaria a negar aos agricultores qualquer *know-how* técnico), mas de banir as técnicas percebidas como “violentas” para as plantas. Trata-se de substituí-las por práticas de cultivo que, segundo os atores, levam em conta a natureza e permitem a expressão de todo o seu potencial. Esta forma de conceber as técnicas de seleção pertinentes para a construção da alternativa camponesa remete à distinção feita por Heidegger em seu movimento de desconfiança das “técnicas modernas”, ao qual ele opõe as “técnicas do artesanato”. As técnicas modernas configuram uma “provocação” da natureza, elas visam a sua “inspeção”. Inversamente, as técnicas do artesanato são valorizadas como a expressão da natureza, sua “realização” (HEIDEGGER, 1958).¹⁵ A afirmação deste agricultor faz eco exatamente com esta segunda concepção: “o sentido, é de iniciar com plantas que têm uma vitalidade muito forte, que têm a possibilidade de evoluir, e colocá-las em condições em que serão capazes de expressar essas coisas, e poder evoluir juntos”. Concretamente, isso se traduz em práticas de seleção de massa, de misturas de diversas variedades-populações, de movimentos de variedades-populações em diferentes ambientes pedoclimáticos para observar as diferenças de comportamento agronômico, ou, pelo contrário, cultivar variedades durante vários anos no mesmo local, a fim de

¹⁴ Os geneticistas das populações falam em “variedade de população” para traduzir a base genética relativamente mais ampla do que as linhagens puras, um vocabulário reapropriado pela Rede para marcar a distinção do padrão das variedades modernas.

¹⁵ Frédéric Goulet (2010) em sua etnografia das redes de Técnicas Culturais Simplificadas (TCS) observa uma desqualificação similar das técnicas de aradura e sua substituição por práticas culturais apresentadas por seus promotores como respeitadas dos processos naturais. Assim, a passagem do trator que destrutura a terra é substituída pela ação benéfica das minhocas (GOULET e VINCK, 2012).

promover a sua adaptação local. Variedades obtidas por Berthold Heyden, do Institut Graf Keyserlink na Alemanha, ou pelo suíço Peter Kunz, criadores que trabalham para os agricultores orgânicos, são comumente usados na Rede, pois seus métodos inspirados na biodinâmica¹⁶ convergem com os adotados na RSP.

No entanto, a demarcação entre as técnicas “violentas” e as outras não é do senso comum; pelo contrário, ela é alvo de discussões e de negociações. Isso é evidenciado por um debate empreendido pelo grupo *Blé* (trigo) por alguns anos, sobre o uso de “cruzamentos manuais”, um caso considerado como uma fronteira entre a técnica suave e a técnica “violenta”. O trigo tenro é uma planta qualificada como autógama, o que significa que as flores são hermafroditas e que a biologia da planta favorece a autofertilização. Há casos raros de fertilização cruzada espontânea. Os criadores quando querem cruzar duas plantas, “castram” uma delas e depositam manualmente o pólen da outra planta nela. Esta intervenção humana é demasiado intrusiva? Corresponde a um projeto demasiado dirigista do homem no que diz respeito à evolução natural das plantas? Desde que um dos agricultores da Rede aprendeu esta técnica com um técnico do *Institut National de la Recherche Agronomique* (INRA) e a promoveu entusiasticamente, estas questões foram postas, particularmente por adeptos da biodinâmica que são mais sensíveis ao “respeito pela planta”. Os defensores dos cruzamentos manuais argumentam em contrário que a técnica foi praticada no passado pelos camponeses. Outros preferem contornar o problema, aprendendo a localizar no campo as plantas geradas pelos cruzamentos espontâneos — é assim que procede o criador Berthold Heyden¹⁷. Enfim, se o cruzamento manual não é praticado por todos, o seu princípio é agora aceito. No entanto, seu principal promotor adotou uma técnica que revela a consideração das críticas de seus companheiros, uma técnica que consiste em castrar a planta, mas deixando o pólen assentar por conta própria (JOLY, 2010). Assim, ele obtém os cruzamentos desejados, enquanto se distingue da prática de criadores profissionais.

Esses debates têm pelo menos trazido à tona um ponto que é unânime: os únicos métodos de seleção desejáveis na alternativa construída pela RSP são aqueles que permanecem acessíveis ao camponês, sobre os quais ele tem um controle direto, isto é, que não exigem nenhum outro material ou equipamento que ele dispõe comumente em sua fazenda. Isso remete à segunda crítica da seleção moderna, ou seja, que foi organizada em torno da profissionalização do setor da seleção, relegando os agricultores ao simples posto de executores. Em resposta, os agricultores da RSP se dedicam à reconstrução de uma autonomia camponesa, da qual esclareceremos o seu conteúdo.

¹⁶ Uma abordagem esotérica atenta às forças vitais das plantas (SOPER, 1980).

¹⁷ Treinamento de participante de observação intitulado “Métodos de Seleções de Sementes Camponesas”, com B. Heyden, no período de 16 a 17 de abril de 2011, em Bouchemaine, região do Maine-et-Loire.

4. Autonomia do agricultor e partilha entre pares

A crítica da modernidade na RSP não reside somente no desejo de abrir a caixa preta das sementes de variedades melhoradas, para “desmontar a política contida nos objetos técnicos” (WINNER, 1986), mas também na ambição de reaprender como fazer esses objetos por si mesmo. Esta vontade de aprender, e de compreender também como uma recusa da delegação da inovação varietal à terceiros faz eco ao diagnóstico de Weber, para o qual no mundo moderno para além dos homens da ciência, ninguém tem qualquer conhecimento real de objetos que se utiliza: “para nós basta apenas ‘contar’ com eles” (WEBER, 1963, p. 68).

A busca da autonomia empreendida na RSP — ilustrada, por exemplo, pela “Autonomia e Biodiversidade”, título do boletim informativo da ARDEAR Rhône-Alpes, uma das associações membros da RSP — não é somente financeira¹⁸, é mais amplamente enraizada em uma vontade de emancipação intelectual vis-à-vis à um aparelho de pesquisa e assessoria que durante as décadas da modernização agrícola virou as costas aos saberes camponeses (DARRÉ, 1999). O desejo de tomar distância dos “homens da ciência” é evidente quando se fala na ideia de colaborações entre grupos de camponeses e pesquisadores de INRA [...] Questionado sobre este tema em abril de 2005, o presidente da *Touselle*, uma associação membro da RSP, respondeu claramente:

Nós queremos sim uma mão, à condição que permaneçamos os mestres. Somos nós que temos o saber, nós é que sabemos melhor o que se passa em nossas unidades. Não vamos recomeçar tudo como durante o período do produtivismo! No limite, queremos ter um estagiário que nos ajude a fazer as contagens, mas, mesmo isso, temos que discutir em uma assembleia.

Projetos de pesquisa participativa entre pesquisadores acadêmicos e agricultores da RSP têm sido certamente desenvolvido desde então, mas despertam regularmente certa desconfiança da propensão dos cientistas para reproduzir relações hierárquicas, ou a somente estarem interessados pelas práticas camponesas apenas quando elas estão em conformidade com o conhecimento científico. Jean-François Berthelot, um agricultor-padeiro da região do Lot-et-Garonne, recusa-se a ver a sua abordagem englobada pelo olhar científico:

Evolutiva, mudando com as minhas descobertas, com as observações sobre a plasticidade dos meus trigos com o seu ambiente, e poética, eu não desejo que a minha abordagem seja colocada em uma equação, definida, classificada, indexada, modelada, estacionada. Minha abordagem pode ser observada, medida, para significar essas interações [com as plantas], porém nada mais que isso. [...] As múltiplas expressões dos imaginários camponeses serão traduzidas em fantasia, poesia, rigor, expressas verbalmente ou não, mas de

¹⁸ Contrariamente à CNDSP cujas reivindicações puramente categóricas, portam sobre a defesa da independência dos agricultores vis-à-vis à agroindústria, tendo em vista a obtenção de uma renda decente.

fato vivas na abordagem da seleção camponesa. [...] É assim que nós, os camponeses, contribuimos para a manter a diversidade cultivada e selvagem e seus frutos. A diversidade também necessita de um imaginário de fantasia, de poesia, de atração entre a planta e o camponês em um diálogo infinito e de mistério, livre¹⁹ (BERTHELLOT, 2011).

A alternativa em questão, portanto, requer a reabilitação e a reativação dos “saberes camponeses”, em uma concepção do termo que se beneficia do trabalho político conduzido pela Confederação Camponesa para reverter o estigma do atraso, o qual ridicularizava os agricultores (BARRAL 1966; MORENA, 2011). Esses saberes camponeses são encontrados, ou recriados através de várias formas de aprendizagem: pesquisas com agricultores aposentados, leituras de livros antigos, experiências individuais ou partilha de experiências entre pares, além de sessões de treinamento envolvendo agentes externos — consultores, pesquisadores [...] Qualquer que seja a forma de aprendizagem privilegiada individualmente, a RSP promove ou incentiva a interação de grupos de pares para permitir a difusão e a discussão desse conhecimento. Ao partilhar conhecimentos, observações e sementes, esses coletivos formam gradualmente “comunidades de prática”, nas quais as sociabilidades são ancoradas em uma prática compartilhada em torno das sementes camponesas (DEMEULENAERE; BONNEUIL, 2011). Apoiado pela dinâmica coletiva, o caráter subjetivo e sensível do conhecimento das plantas é assumido inteiramente, e marca uma ruptura deliberada com a objetividade da ciência herdada de meados do século XIX (DASTON, 1992). A *démarche* “camponesa” se apoia igualmente em uma reintrodução da prática como um modo de aprendizagem, como para reverter (ou até mesmo superar) a oposição hierárquica instituída entre “aqueles que sabem e aqueles que fazem” (DARRÉ, 1999:1927; CRAWFORD, 2010; SENNETT, 2010)²⁰.

Muito além da busca de uma renda decente, a autonomia para os agricultores da RSP consiste em fazer as coisas por si mesmo, mas também em pensar, em assumir ou até mesmo mostrar a sua diferença com relação aos modos de aprendizagem, de conhecimento e de validação dos saberes legítimos do mundo acadêmico. Não obstante, colaborações com cientistas não são excluídas; como prova disso observa-se que há diversos programas de pesquisa dita participativa em que a RSP tem se engajado²¹. O apoio da ciência é de fato útil, antes de tudo porque contribui para o reconhecimento institucional da RSP como ator na conservação dos recursos genéticos²². Por esta razão,

¹⁹ Texto lido por Jean-François Berthelot no seminário realizado entre 8 e 9 de fevereiro de 2011, em Angers, “*Retour sur les expériences de sélection participative de semences paysannes*” (BERTHELLOT, 2011).

²⁰ Logo após a intervenção de G. Ducerf em uma fazenda, consultor e autor de livros sobre ervas daninhas, eu me surpreendi com o seu conhecimento enciclopédico. J.-F. Berthelot, que reconhece a sua grande competência, retifica: “oh, não, não, ele conhece bem o terreno!”. Esta anedota ilustra, na minha opinião, a importância dada à experiência prática comparativamente ao conhecimento livresco sobre as formas de aprendizagem.

²¹ Colaborações principalmente com a equipe de genética populacional liderada por I. Goldringer (UMR de Genética Vegetal, Gif-sur-Yvette); com V. Chable (INRA, Rennes); com L. Hazard (INRA, Toulouse). Todas no quadro dos programas financiados pelo *Bureau des Ressources Génétiques*, pela FRB, ou pela Europa (programa Farm Seed Opportunities, programa SOLIBAM).

²² Na França este reconhecimento foi refletido em dezembro de 2009 pela integração da RSP ao Comitê de Orientação Estratégica da FRB (Fundação de Pesquisa sobre a Biodiversidade).

os agricultores do movimento podem insistir na riqueza de suas abordagens holísticas, mas eles estão dispostos a permitir que os geneticistas tenham uma visão reduzida de suas práticas quando se trata de demonstrar a diversidade genética preservada em seus campos. Além disso, os resultados da genética das populações lhes proporcionam ferramentas de objetivação, que são complementares ao invés de antagonistas às abordagens fenomenológicas que eles reivindicam.

Um aspecto final desta análise da autonomia camponesa é o suprimento de sementes. Enquanto os pioneiros da Rede, em sua maior parte, têm reinserido no cultivo variedades extintas a partir de amostras conservadas nas coleções de recursos genéticos²³, a RSP privilegia a circulação de sementes entre pares. Quando da criação da RSP, estes atores formavam redes informais espalhadas por todo o território francês. Dez anos mais tarde, as comunidades de prática de sementes camponesas se estruturam e se formalizam em nível regional, por razões organizacionais, financeiras (com a possibilidade de obter financiamento públicos dos estados) e ecológicas — sendo que o território regional, no qual as condições pedoclimáticas são relativamente homogêneas, apresentam uma escala relevante para a adaptação local das variedades.

Ao prosseguir o seu objetivo de reaprender como cultivar e selecionar na fazenda as variedades camponesas, os agricultores da RSP criaram comunidades de prática, tendo como base o fortalecimento dos intercâmbios e laços sociais entre os pares, e a afirmação mais autêntica de uma especificidade camponesa no modo de conhecimento e de apreensão do mundo. O coletivo também é reconfigurado, no sentido de que integra totalmente as plantas. Isso remete ao terceiro aspecto da crítica do movimento à seleção moderna — a concepção utilitarista dos “recursos genéticos” — e à visão alternativa que ele desenvolve sobre o status de plantas.

5. A experiência sensível e prática do encontro com as plantas

A crítica da RSP não se resume às técnicas modernas, mas estende-se ao status da natureza na modernidade agrícola: reduzido a um material inerte a partir do qual trata-se de produzir objetos padronizados em série, a natureza aparece como “racionalizada” para o projeto industrial. Esta lógica de serialidade é incorporada no triplo critério imposto sobre as plantas para a listagem de novas variedades — “Distinção, Homogeneidade, Estabilidade” (DHS) — que reflete os requisitos exigidos para os objetos industriais: descritível, de qualidade constante, e fixado no tempo.

A partir da rejeição desta concepção industrial da planta agrícola, se desenvolve um leque de práticas na RSP que se declinam e se combinam, entre a conservação idêntica de variedades antigas e o cultivo de misturas que seus cultivadores fazem evoluir ao longo dos anos. Os praticantes envolvidos reconhecem uma parte variável pela ação

²³ Coleção nacional de cereais de palha de Clermont-Ferrand, coleção de repolho do INRA Rennes, IPK de Gatersleben (Alemanha) etc.

do homem, tanto como artesão meticuloso se inscrevendo na longa história da domesticação das plantas, tanto como observador amoroso e apaixonado pela evolução natural. Ao discurso do *laissez-faire* da natureza, tipicamente defendido por J.-F. Berthelot, outros opõem o rigor do seu trabalho: “estas são variedades que eu não tenho misturado. Eu fiz isso tecnicamente. Se você misturar, não se parece com nada. Você tem que ser muito rigoroso, muito atento”. As representações da natureza dentro da RSP oscilam então entre uma “natureza doméstica” — em outras palavras, uma natureza-cultura moldada através da longa relação entre o homem domesticador e as plantas que o alimentam — e uma “natureza autônoma”, fonte de inspiração para aqueles que sabem como observá-la. Elas têm em comum convocar uma natureza-história, na qual os cultivadores guiam (mais ou menos ativamente) as gerações de plantas cultivadas, cada uma tornada única pela modulação infinita (DEMEULENAERE; BONNEUIL, 2011).

A singularidade reencontrada das plantas reatualiza a possibilidade de um tratamento diferencial por parte da pessoa que as cultiva. Ela torna possível a construção de relações que escapam à indiferença. A relação que os membros do grupo *Blé* da RSP com as plantas se aproxima do “companheirismo” com uma planta “que pode se tornar uma fonte de conhecimento do mundo e de inspiração, à condição que se lhe proporcione uma atenção amigável e emotiva” (LIEUTAGHI, 199, p. 190), em contraste com o olhar frio, desvinculado, avaliador, dos cientistas que (figurativamente, e às vezes literalmente) as “dissecam”. É, ainda, J.-F. Berthelot que demonstra o contraste da abordagem camponesa com a dos cientistas:

Para os pesquisadores [...], a planta está no meio de um dispositivo de estudo como um objeto. Objeto de pesquisa que deve ser inserido em protocolos definidos, meios de investigação bastante fixos, sujeitos à repetição no espaço e no tempo. [...] [os pesquisadores] cartografam suas respostas durante a seleção, e as mensuram: ela permanece um objeto. Enquanto para mim, um camponês, a planta é um sujeito, com o qual eu vivo, eu sonho, nós interagimos (BERTHELLOT, 2011).

Notamos aqui que se J.-F. Berthelot usa o termo “sujeito” é porque, acima de tudo, a linguagem ordinária o obriga a se colocar na ação (THÉVENOT, 1994), e para revisitar as dicotomias clássicas entre objeto/sujeito, intencional/funcional... Ele não reconhece, no entanto, o mesmo tipo de agência (capacidade de agir, intencionalidade) para as plantas como para si mesmo, mas se atribui menos intencionalidade em sua relação com as plantas do que o senso comum atribuiria. Igualmente presos pelo vocabulário, os geneticistas ao colaborar com a RSP são ingênuos quando eles usam o termo julgado demasiado utilitarista “material genético”.

A experiência da alteridade das plantas (o reconhecimento de sua existência como um ser diferente) é ainda mais agravada quando elas resistem aos usos que se gostaria fazer delas. Este é, frequentemente, o caso das variedades antigas cultivadas como “orgânicas”, menos previsível do que as variedades melhoradas cultivadas de forma

convencional. Para os produtores de trigo da Rede, um certo prazer em trabalhar com o trigo antigo vem precisamente do fato de que eles não são fáceis de cultivar (e de transformar), sem um mínimo de observação e de ajustes das práticas culturais e de panificação. É assim que Jean-Pierre Bolognini (RSP, 2008, p. 89) congratula -se com o “comportamento refratário e não conformista” da variedade Saissette! Para entender melhor a origem deste prazer, retomamos as proposições da filósofa Florence Burgat sobre o status reservado para os animais na reprodução industrial: “[os animais] não existem mais como singularidades capazes de resistir aos usos que eram feitos deles; não se podia fazer absolutamente o que se queria, apesar dos séculos de domesticação.

A seleção genética inverteu esta lógica: não se adapta mais as rotas de produção aos animais, mas molda-se os animais requeridos para um determinada rota de produção. Desde então, o animal desaparece. [...] Ele desaparece quando o fato de estar vivo é apenas um meio de prover bens sem ser considerado como um fim” (BURGAT, 2007)²⁴. Similarmente, a planta gerada da variedade moderna desaparece na agricultura intensiva, na medida em que ela foi selecionada para ser um elemento previsível e otimizado em um sistema de produção controlado (idealmente, pelo menos). Pelo contrário, os trigos antigos, “que opõem resistência”, existem plenamente. Disso resulta um prazer em trabalhar com essas plantas, que podem se transformar em verdadeiros parceiros de vida. A observação de sua singularidade, de sua relativa autonomia, de sua beleza, é uma fonte de um encantamento que está bem refletida na manifestação acima citada. Um outro agricultor, menos loquaz, é surpreendido por sua descoberta dos trigos, no desvio de uma *démarche* que no início era técnica e política: “estes trigos, entretanto, são incríveis!”

Além de existir, estas plantas vivem e evoluem. Esta representação evolutiva das plantas é contrária ao ideal de padronização da agricultura moderna incluído no critério de “estabilidade” do sistema DHS. O intercâmbio com os geneticistas da população objetiva esta ideia: de fato, constata-se nos discursos de muitos agricultores noções tais como “gestão dinâmica”, “variedades-populações”, que são específicas desta disciplina. A apropriação camponesa do vocabulário e dos paradigmas desta disciplina ancorada no paradigma neo-darwiniano assume o seu pleno sentido na representação dinâmica e evolutiva que o movimento tem de si mesmo. Isto pode ser compreendido quando se toma distância desses discursos que revalorizam o *terroir* (o local), nesse movimento de sociedades que tendem a fabricar locais para restaurar o significado para um espaço cada vez menos inteligível (AUGÉ, 1992, p. 48). É o que se entende da tomada de posição tomada por JJM, um produtor de trigo duro nos Pireneus Orientais, que na assembleia geral de 2005 da RSP disse: “toda a riqueza da semente camponesa é a capacidade de adaptação. Não há nenhum futuro fora disso. É por isso que quando ouço falar de variedades de *terroir*, isso me assusta um pouco”. Na mesma ocasião, NS, um camponês-padeiro da região de Redon, na Bretanha, relata com humor, que em sua mistura de

²⁴ A iniciativa *Pour l'Émergence d'une Université du Vivant* - PEUV (Para a Emergência de uma Universidade do Ser Vivo), da qual alguns membros da RSP participam, tem como objetivo enriquecer uma reflexão ética ainda pouco desenvolvida sobre o status das plantas.

trigos, foi o trigo da região de Roanne, e não o de Redon que acabou prevalecendo. Este neorural não é o único no grupo a afirmar o seu desenraizamento, e ter “a vontade de desorganizar os usos e de questionar o conhecimento”. A natureza evolutiva e adaptável das plantas (neste caso, o trigo) oferece um recurso cognitivo para alimentar e apoiar esse projeto.

À ontologia da padronização, reducionista, instrumental dos seres vivos que se detecta nos atores da seleção moderna, os agricultores da RSP opõem uma ontologia evolutiva e holista das plantas, plantas às quais eles atribuem uma significativa capacidade de agência, até mais do que a sua própria intencionalidade nas práticas de seleção. Ao fazê-lo, reconhecem que podem “deixar-se transformar” pelas plantas, uma formulação que não é apenas uma forma de tomar distância da modernidade, mas que se reflete na maneira muito progressiva e aberta que o movimento se constrói, nesse corpo-a-corpo com plantas, através da redescoberta da prática da seleção.

6. Conclusão

O “desencantamento”, segundo Weber, é ligado ao desenvolvimento da ciência, o que conduz ao desaparecimento das crenças nos poderes “misteriosos e imprevisíveis” para explicar o mundo, e sua substituição por outra crença, na qual a racionalidade científica pode (em princípio) controlar tudo através de predição e da técnica (WEBER, 1963). Mas a expressão remete em um sentido mais amplo à um vazio de sentido, um sentimento abundantemente descrito pelos agricultores contemporâneos (como Jocelyne Porcher mostra, por exemplo, entre os criadores), atormentados pela dúvida diante de uma agricultura que relegou os seres vivos à uma condição de instrumento de produção, e os homens ao status de exploradores agrícolas (PORCHER, 2003). A RSP visava, na sua criação, dar novamente margem de manobra aos agricultores, diante dos desenvolvimentos recentes da seleção moderna e do endurecimento da regulamentação do setor de sementes. Ao fazê-lo, a experimentação conduzida na Rede, além de responder a questões políticas e econômicas, tem ajudado a recriar a ligação entre homens e os demais seres vivos, a reabilitar formas de conhecimento do mundo que se baseiam no sensível, a recriar a autonomia em um universo social conquistado pela heteronomia, a reinserir a diversidade e a imprevisibilidade nas rotinas previstas pelo modelo industrial. As “sementes camponesas” foram inicialmente pensadas como uma alavanca para criticar em ação a modernidade agrícola; elas delinearão progressivamente uma via que recoloca a agricultura em seu meio natural e que aproxima os praticantes do sentido do seu *métier*. A este respeito, a reapropriação camponesa das sementes no país evoca uma espécie de “reencantamento” da prática agrícola, compartilhado por outras redes de pares que participam do movimento da agricultura ecológica²⁵.

²⁵ F. Goulet descreve um retorno comparável do sensível, o singular e da autonomia nas redes de agricultores que desenvolvem as Técnicas Culturais Simplificadas (TCS). Observa, no entanto, que as TCS constroem um modelo identitário que permanece compatível com o modelo industrial e racionalista (GOULET, 2010), muito pelo contrário, a RSP se constrói em uma ruptura.

Os objetos da natureza proporcionaram a esta alternativa diferentes formas de apoio. Sementes, plantas, biodiversidade representam, alternadamente, objetos que estabelecem restrições materiais e físicas reorientando a ação, e também objetos que contribuem para estabilizar o projeto, objetos em que se inscrevem a vida social e as práticas grupais, objetos “bons para pensar” e que oferecem “*rappports de convenance*”²⁶ com os valores do coletivo. O coletivo foi alimentado pelo confronto com a natureza, pelo reconhecimento de sua alteridade, e pela experiência de sua “recalcitrância” (LATOURE, 2004, p. 122).

Decorre, então, uma conclusão metodológica e epistemológica, a saber, que a atenção do pesquisador às práticas culturais e à materialidade das plantas enriquece a compreensão da dinâmica social, e dá conta plenamente da “capacidade generativa” da realidade e da prática (BARBIER; TREPOS, 2007). Tal olhar acrescenta uma dimensão extra aos estudos sobre os movimentos de protesto, que às vezes têm pecado por dar uma atenção exclusivamente centrada nas atividades discursivas, ou mesmo quando se interessam pelas práticas, o fazem considerando *a priori* a prática como um limite no imaginário contestatório. Assim, segundo Hervieu-Léger e Hervieu (2005), trata-se de fazer uma “sociologia da utopia, atenta às mutações que as provas de realidade impõem aos sonhos de uma sociedade perfeita”. No entanto, a passagem para a prática pode ser reveladora de potenciais não imaginados no início. Alinha-se aqui à perspectiva pragmática dos movimentos sociais, que busca dar conta daquilo que emerge de novas práticas e situações, a fim de abarcar toda a criatividade e a dinâmica das contestações (CEFAÏ, 2007; CHATEAURAYNAUD, 2011). Essa visão é ainda mais necessária quando esses movimentos se atrelam à invenção de novos modos de existência e então passam por *démarches* de experimentação, no corpo-a-corpo com os objetos.

Uma segunda conclusão é que o movimento se desenrola no “*chemin faisant*” (caminho que se faz caminhando)²⁷, no desvio das experiências, através das contingências, dos encontros, dos eventos (no sentido do que *acontece*). Vale muito lembrar aqui a distinção que Jacques Derrida fazia entre duas modalidades de futuro: o “futuro”, definido como “um presente deslocado no tempo”, o que é previsível, programável, planejável... e o “admir”, “a vinda do Outro, o Outro que vem sem que eu possa esperá-lo ou ainda “esperar por isto”, e que remete à imprevisibilidade do jogo. Compreende-se, à luz desta distinção, que se os agricultores da RSP contestam a modernidade agrícola, eles não pretendem construir um futuro alternativo cujos contornos seriam claramente traçados, mas um mundo que reabriria o campo das possibilidades. A ideia de biodiversidade, frequentemente mobilizada na RSP por meio da dupla dimensão reconhecida pela genética das populações — diversa e evolutiva —, continua a ser a melhor metáfora.

²⁶ Esta fórmula utilizada por Rousseau é adaptada por Catherine Larrère no campo dos seres vivos para descrever a existência de correspondências entre as qualidades reconhecidas a um elemento da natureza e os valores associados a ele.

²⁷ Eu emprestei a expressão de Laurent Hazard que descreve assim a *démarche* de produção de conhecimento nos programas de pesquisa participativa em que participa (seminário realizado entre 8 e 9 de fevereiro de 2011, em Angers, “*Retour sur les expériences de sélection participative de semences paysannes*”).

7. Referências

ANVAR S. L. **Semences et droit. L'emprise d'un modèle économique dominant sur une réglementation sectorielle**, Tese (Doutorado em Direito). Université Paris 1 Panthéon-Sorbonne. Paris, 2008.

AUGÉ, M. **Non-lieux. Introduction à une anthropologie de la surmodernité**. Paris: Seuil, 1992.

BARBIER, R.; TREPOS, J.-Y. Humains et non-humains : un bilan d'étape de la sociologie des collectifs. **Revue d'anthropologie des connaissances**, v. 1, n. 1, p. 35-58, 2007.

BARRAL, P. Note historique sur l'emploi du terme « Paysan », **Études rurales**, v. 21, p. 72-80, 1966.

BARTHOLEYNS, G.; GOVOROFF, N.; JOULIAN, F. (ed.). Cultures matérielles. Anthologie raisonnée de techniques & culture. **Techniques & Culture**, v. 54-55, 2010.

BERNARD de RAYMOND, A. Les mobilisations autour des OGM en France, une histoire politique (1987–2008). In: **Les mondes agricoles en politique. De la fin des paysans au retour de la question agricole**, Hervieu et al. Paris: Sciences Po, p. 293-335, 2010.

BERTHELLOT, J.-F. La rencontre de deux approches est-elle possible ? In: **Visions paysannes de la recherche dans le contexte de la sélection participative. Comment co-construire et mutualiser les connaissances sur les plantes?** Fondation Sciences Citoyennes (avec RSP et BEDE), PEUV, collection « Émergence », 2011.

BONNEUIL, C.; THOMAS, F. **Gènes, pouvoirs et profits, Recherche publique et régimes de production des savoirs de Mendel aux OGM**. Versalhes: Quae, 2009.

BURGAT, F. C'est arrivé près de chez vous. **Télérama**, Hors série « Bêtes et Hommes », 64, 2007.

CEFAÏ, D. **Pourquoi se mobilise-t-on ? Les théories de l'action collective**. Paris: La Découverte, 2007.

CHATEAURAYNAUD, F. (org.) Les OGM entre régulation économique et critique radicale, **Rapport final du programme ANR formes de mobilisation et**

épreuves juridiques autour des OGM en France et Europe. Rapport ANR ObsOGM. Paris: GSPR-EHESS, 2010.

CHATEURAYNAUD, F. **Argumenter dans un champ de forces: essai de balistique sociologique.** Paris: Petra, 2011.

CRAWFORD, M. B. **Éloge du carburateur. Essai sur le sens et la valeur du travail.** Paris: La Découverte, 2010.

DARRÉ, J.-P. **La production de connaissance pour l'action : Arguments contre le racisme de l'intelligence.** Paris: MSH-Quae, 1999.

DASTON, L. Objectivity and the escape from perspective. **Social Studies of Science**, v. 22, n. 4, p. 597-618, 1992.

DEMEULENAERE, E.; BONNEUIL, C. Cultiver la biodiversité - semences et identité paysanne. In: Hervieu et al. (orgs.), **Les mondes agricoles en politique. De la fin des paysans au retour de la question agricole.** Paris: Sciences Po, p. 73-92, 2010.

DEMEULENAERE, E.; BONNEUIL, C. Des semences en partage. Construction sociale et identitaire d'un collectif « paysan » autour de pratiques semencières alternatives, **Techniques e Culture**, v. 57, n. 2, p. 202-221, 2011.

DONDEYNE, C. Artificiel ou naturel ? La filière de légumes bio confrontée à un procédé de sélection en Bretagne, *Revue d'Etudes en Agriculture et environnement*. **Revue d'Etudes en Agriculture et Environnement**, v. 94, n. 1, p. 65-92, 2013.

FRANCE. **Charte nationale pour la gestion des ressources génétiques.** p. 42. Disponível em: <www.brg.prd.fr/brg/pdf/Charte.pdf> Acesso em: 26/07/2012.

GOULET, F. Nature et ré-enchantement du monde. In: Hervieu et al. (orgs.), **Les mondes agricoles en politique. De la fin des paysans au retour de la question agricole.** Paris: Sciences Po, p. 51-72, 2010.

GOULET, F.; VINCK, D. L'innovation par retrait. Contribution à une sociologie du détachement. **Revue française de sociologie**, v. 53, n. 2, p. 195-224, 2012.

GUILLE-ESCURET, G. **Les sociétés et leurs natures.** Paris: Armand Colin, 1989.

HEIDEGGER, M. La question de la technique. In: **Essais et conférences**, Paris: Gallimard, p. 9-48, 1958

HERMITTE M.-A. O gesto de agosto do sementeiro não é o que costumava ser!. **Sociedades de Ciências Naturezas**, v. 7, n. 4, p. 32-35, 1999.

HERMITTE, M.-A **Le droit saisi au vif. Sciences, technologies, formes de vie.** Paris: Petra, 2013.

HERVIEU-LÉGER, D.; HERVIEU, B. **Le retour à la nature : Au fond de la forêt. . . l'État.** La Tour d' Aigues: L' Aube, 2005.

JOLY, V. **Étude des pratiques de conservation au sein d'un réseau d'agriculteurs qui cultivent des semences paysannes.** Mémoire de fin d'étude (synthèse), Toulouse, École d'Ingénieur de Purpan, 2010.

LATOURE, B. **Politiques de la nature. Comment faire entrer les sciences en démocratie.** Paris: La Découverte, 2004.

LIEUTAGHI, P. **La plante compagne : pratique et imaginaire de la flore sauvage en Europe occidentale.** Genève: Série documentaire des Conservatoire et jardin botaniques de la ville de Genève, 1991.

MENDRAS, H. **La fin des paysans.** Arles: Actes Sud, 1992.

MORENA, E. A. **The Confédération Paysanne as 'peasant' movement: re-appropriating 'peasantness' for the advancement of organisational interests.** Tese de doutorado. Londres: King's College, 2011.

PORCHER, J. **La mort n'est pas notre métier.** La Tour d' Aigues: Éditions de L' Aube, 2003.

RÉSEAU SEMENCES PAYSANNES. **Actes des premières rencontres Semences Paysannes «Cultivons la biodiversité dans les fermes»**, Lycée agricole d'Auzeville, Brens, RSP, 27-28 février 2003.

RÉSEAU SEMENCES PAYSANNES. **Voyage autour des blés paysans (témoignages)**, Brens, RSP, 124 p., 2008.

SENNETT, R. **Ce que sait la main. La culture de l'artisanat.** Paris: Albin Michel, 2010.

SOPER, J. **Pour comprendre le cours aux agriculteurs de Rudolf Steiner.** Paris: Courrier du Livre, 1980.

SUPIOT N. Éditorial : Pour la diversité des semences et plants dans les fermes, **Bulletin de liaison du Réseau Semences Paysannes**, v. 11, 2005.

THEVENOT, L. Le régime de familiarité. Des choses en personne. **Genèses**, v. 17, n. 1, p. 72-101, 1994.

WEBER, M. **Le savant et le politique.** Paris: Union Générale d'Éditions, 1963.

WINNER, L. **Do artifacts have politics? In : The Whale and the reactor: a search for limits in an age of high technology.** Chicago: University of Chicago Press, p. 19-39, 1986.